
LENDO SOBRE ARENAS ROMANAS E REPENSANDO O PAPEL DOS GLADIADORES¹

Reading on Roman arenas and rethinking gladiator's role

Renata Senna Garraffoni²

²Professora no Departamento de História/UFPR

GARRAFFONI, Renata Senna. Lendo sobre arenas romanas e repensando o papel dos gladiadores. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 105-122, 2008.

RESUMO

O presente texto visa discutir a historiografia moderna e as diferentes maneiras de se entender as arenas romanas. O objetivo central é, portanto, discutir a importância de novas perspectivas teóricas e como Petrônio e Suetônio podem contribuir na construção de modelos menos excludentes para os estudos dos gladiadores romanos. Palavras chave: Literatura e História romana. Gladiadores. Arenas romanas.

1 O presente texto é uma retomada de minhas reflexões da tese de doutorado reconfigurada a partir das reflexões desenvolvidas junto ao grupo 'Antiguidade e Modernidade: os usos do passado' (<http://www.usosdopassado.ufpr.br/>). A versão aqui apresentada é uma expansão da versão inicial. Gostaria de agradecer as professoras Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, Karina Anhezini de Araujo, Zélia Lopes da Silva pelo convite para participar do evento e aos seguintes colegas pelo diálogo e apoio em diferentes ocasiões: Pedro Paulo Funari, Lourdes Feitosa, Glaydson José da Silva e Richard Hingley. Institucionalmente, gostaria de agradecer ao Departamento de História da UFPR. As idéias aqui expressas são de minha autoria e a responsabilidade sobre elas recai apenas à autora.

Recebido em: abril de 2008
Aceito em: julho de 2008

ABSTRACT

This paper focuses on modern historiography and the different ways of understanding the Roman arena. It discusses the importance of new theoretical approach to rethink Roman arena and how Suetonius and Petronis writings can contribute to this perspective.

Keywords: *Roman literature and History. Gladiators. Roman arena*

INTRODUÇÃO

Em uma entrevista logo após a morte de Michel Foucault, Deleuze (1990) aponta, de maneira sintética, os principais vieses do seu pensamento. Entre as várias considerações que tece, Deleuze menciona o fato de que o pensamento de Foucault seguia vivo, sendo cada vez mais apreciado devido a sua lógica inovadora e profundamente crítica das formas de construir o pensamento ocidental. Para Deleuze, a História faz parte do método de análise empregado por Foucault e sua abordagem rompe com as percepções do século XIX sobre Ciência, questiona o lugar da academia no contexto social moderno e a função do passado no presente. Uma das grandes rupturas do pensamento provocadas por Foucault estaria, segundo Deleuze, no deslocamento proposto na relação passado/presente: se a maioria dos estudiosos do século XIX entendia História como continuidade, como herança, Foucault propôs pensá-la como diferença, como possibilidade de buscar visibilidades e deveris excluídos dos discursos até então elaborado pelos estudiosos.

É por essa razão que em *Arqueologia do saber* (1997) Foucault insiste na necessidade da crítica aos documentos, esses não são mais entendidos como um reflexo do aconteceu, mas como recortes e tecidos que são moldados pelas mãos dos historiadores. Chamando atenção para o fazer do historiador, nessa obra Foucault problematiza a construção do passado, descreve o historiador como vinculado a seu presente, atuante, envolvido pelas questões políticas de seu tempo. Essa postura diante do passado propicia uma nova relação com os acontecimentos e com a produção dos relatos a seu respeito; em sua proposta, o passado não é rastro ou continuidade, mas rupturas, fragmentos, questionamentos e descontinuidades.

A ruptura com a maneira tradicional de pensar o passado levou muitos intelectuais a rever os aspectos teóricos da História, a entender como discutir teorias sobre como construímos abordagens acerca do passado pode ser uma perspectiva potencialmente transforma-

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

dora da maneira como agimos no mundo. Sara Mills (2003) comenta que Foucault abriu a possibilidade de pensar a instabilidade dos conceitos, pois afirma que podem e devem ser questionados, abalando percepções arraigadas e cristalizadas no fazer do historiador. Para além disso, a força libertária de suas críticas foi fundamental, segundo Mills, não só para a reformulação de campos de saber, como também para a abertura de novas perspectivas de se estudar as relações passado/presente. Ao criticar as utopias políticas, as grandes narrativas acerca do passado, os impactos do pensamento de Foucault atingiram áreas mais diferenciadas nas ciências humanas: renovaram as posições feministas, abriu espaço para as discussões pós-coloniais e as lutas para questionar discursos hegemônicos de poder. De maneira sucinta é possível pensar que suas propostas se desdobraram e forçaram aos intelectuais a refletir sobre as ferramentas conceituais que usam para analisar as diferentes estruturas sociais.

É dentro dessa perspectiva que se insere a presente reflexão. Considerando que a escrita da História é permeada por relações de poder (JENKINS 2005; MUNSLOW 2009), construída a partir de interesses marcados, sejam eles identitários, étnicos ou ideológicos, a ideia desse artigo é explorar como tal abordagem pode ajudar a construir outras leituras acerca do passado romano em geral e dos jogos de gladiadores em específico. Nesse sentido, optei por dividir a presente reflexão em três momentos distintos. Início comentando as principais abordagens acerca dos jogos de gladiadores para discutir como o presente do estudioso interfere na construção dos modos de olhar a arena romana. Em seguida, partindo do estudo de alguns trechos das obras de Suetônio e Petrônio, a ideia é pensar como cada texto, analisado em seus respectivos contextos, podem ajudar a nos aproximarmos de aspectos dos jogos pouco explorados pelos estudiosos. Por fim, busco, por meio da análise interdisciplinar, diálogo entre história e literatura, construir caminhos para uma aproximação dos jogos por vieses menos excludentes e mais plurais, proporcionando novas leituras das relações humanas no passado romano e presente contemporâneo.

GLADIADORES E ANFITEATROS: A CONSTRUÇÃO DE MODELOS INTERPRETATIVOS

Desde o século XIX classicistas tentam compreender as lutas de gladiadores e várias teorias foram propostas para explicar este tipo tão particular de espetáculo. Talvez a interpretação mais conhecida seja a ideia da “plebe ociosa” que vivia de pão e circo. Junto a ela,

a teoria da Romanização, pela qual os anfiteatros eram entendidos como símbolos do poder romano, dominou os cenários interpretativos dos combates². Já na década de 1960, ou seja, após II Guerra Mundial, foi somada à noção de “plebe ociosa” a questão da violência implícita nos espetáculos, pouco comentada até então (GARRAFFONI 2005). Esta nova possibilidade de análise difundiu outro conceito que, aos poucos, tornou-se bastante comum na historiografia sobre os combates: a idéia na qual as arquibancadas romanas eram frequentadas por uma população pobre, desocupada, fascinada por espetáculos sangrentos, uma clara reação a historiografia anterior.

Esses discursos foram muito criticados somente após os anos 1970. Veyne (1990), por exemplo, discutiu os espetáculos a partir de uma perspectiva crítica, pois ao invés de considerar a plebe romana uma massa apolítica e violenta, argumentou que o anfiteatro era um lugar onde povo e imperador se defrontavam e lutavam por seus interesses. Seu modelo interpretativo permitiu uma nova explicação da arena romana, na qual o anfiteatro seria um local em que ocorreria o contato com a ideologia dominante e os jogos de poder implícitos. Neste sentido, embora Veyne tenha descrito o ambiente do anfiteatro de maneira binária, em clara oposição elite/povo, o fato de o estudioso destacar os interesses da elite e da plebe fez com que muitos classicistas, estrangeiros e brasileiros, adotassem esta perspectiva de análise (WEEBER 1994; WIEDEMANN 1995; GUNDERSON 1996; ALMEIDA 2000; CORASSIN 2000).

Durante os anos de 1980 e 1990, muitos estudiosos optaram por desenvolver o modelo proposto por Veyne e, embora a grande maioria aceitasse seus pressupostos, houve aqueles que expandiram o campo de compreensão deste fenômeno, destacando não somente suas implicações políticas, como também enfatizaram seus significados culturais. Neste contexto, ocorreu um deslocamento do foco de atenção e a ênfase no contexto histórico em que os combates ocorriam, isto é, uma sociedade escravista, altamente militarizada, passou a ter um importante peso nos argumentos desenvolvidos (BARTON 1993; FUTREL, 1997; HOPKINS 1983; PLASS 1995; WISTRAND 1990; 1992). Apesar da particularidade de cada estudo, grande parte destes autores ressaltou o valor pedagógico dos combates de gladiadores. As arenas romanas tornaram-se, então, um local simbólico em

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

2 Para as interpretações do século XIX, cf. MOMMSEN 1983; FRIEDLÄNDER 1947. Durante o século XX destacamos: CARCOPINO 1990; GRIMAL 1981; MANCIOLI 1987; ROBERT 1995; POTTER & MATTINGLY 1999. Para novas abordagens sobre a teoria da Romanização e combates de gladiadores, cf., por exemplo: GUNDERSON 1996; FUTREL 1997; GOLVIN 1988.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

que valores como masculinidade, bravura, força, disciplina e punição aos crimes eram expostos e reafirmados.

Embora tenha resumido aqui um debate historiográfico muito complexo, optei por fazer isso ressaltar uma característica comum entre os estudos que se referem aos combates de gladiadores: em sua grande maioria as interpretações estão fundadas em aspectos políticos ou econômicos e somente recentemente passou-se a considerar os aspectos culturais ou religiosos que tais combates envolviam. Além disso, tais modelos interpretativos focam mais nos valores das elites, na sua predisposição de organizar espetáculos públicos grandiosos e na manutenção de seu poder. Nesse sentido, a partir da leitura de boa parte da historiografia sobre o tema é possível distinguir três tipos de interpretações predominantes no contexto dos jogos: aquelas em que os gladiadores estão presentes no discurso historiográfico, mas somente catalogados em grupos a partir das armas que utilizavam; aquelas em que a *plebs* é descrita como um conjunto de pessoas *infames* ou ociosas e, por último, aquelas nas quais há uma ênfase nas estruturas sociais e nas funções do anfiteatro no cotidiano romano.

Tais interpretações indicam que historiadores modernos, desde o século XIX, formularam questões sobre o tema e, dependendo do contexto histórico no qual os estudiosos estavam submetidos ou das metodologias empregadas, desenvolveram modelos acerca do mundo romano considerando o espetáculo com um aspecto relevante para a manutenção de poder. As camadas populares, sejam elas representadas pelos gladiadores dentro das arenas ou o público em suas arquibancadas, foram descritas como homogênea e ocuparam um lugar menos relevante nos discursos produzidos, provocando um cenário muitas vezes negativo, no qual os membros das elites controlavam e conduziam os espetáculos e, conseqüentemente, a vida cultural e social romana, obscurecendo conflitos e diferenças. Foi exatamente essa questão que me chamou muito a atenção e, seguramente, é a ela que tenho detido mais tempo desde o término do doutorado, buscado construir modelos interpretativos que permita pensar as margens do mundo romano, as experiências de vida quase nunca mencionadas nos discursos acadêmicos. Para tanto, os desdobramentos das críticas epistemológicas abertas por Foucault e sua repercussão nos estudos sobre os estudos clássicos me pareceram um caminho profícuo a seguir, dado o seu potencial para pensar a diversidade, complexidade e ambiguidades do mundo romano. A abertura provocada inicialmente pelo pensamento foucaultiano e, em seguida, por um maior contato com as críticas pós-coloniais foram decisivos para os desdobramentos de minhas pesquisas ao longo desses anos e, por essa razão, gostaria de tecer alguns comentários sobre sua potencialidade

para a produção de modelos interpretativos mais flexíveis e polissêmicos acerca do passado romano e das pessoas que frequentavam os anfiteatros.

MUNDO ANTIGO E O PRESENTE MODERNO: NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS

Richard Hingley (2005) afirma que as mudanças epistemológicas ocasionadas pelas teorias pós-modernas e pós-coloniais desde a década de 1980 têm alterado profundamente os estudos clássicos. Talvez uma das marcantes contribuições, segundo o autor, seja o fato de que, aos poucos, classistas estejam percebendo que o mundo antigo não está isolado do presente. Se, como afirma Glaydson José da Silva (2007), a Antiguidade Clássica foi vista por séculos como conservadora e pouco teorizada, o entendimento dos estudos sobre o mundo antigo como discursos muitas vezes eivados de vieses de classe, raça e gênero tem indicado como os universos greco-romanos, a partir de interesses nacionalistas de meados do século XIX e início do XX, foram construídos de maneira a enfatizar uma homogeneidade social e acabou por minimizar as diferenças e ambiguidades.

Tanto Hingley como Silva, cada um a seu modo, enfatizam a importância de se pensar criticamente a postura que o estudioso estabelece com o mundo antigo: se as bases conceituais para seu estudo foram propostas em um ambiente imperialista europeu, questionar a noção de legado torna-se fundamental para quebrar noções de hegemonia e buscar alternativas interpretativas. Essas reflexões indicam um aprofundamento dos apontamentos que já apareciam esparsos em algumas publicações dos finais dos anos de 1980 como, por exemplo, as críticas de Martin Bernal (1987; 2003) aos usos do mundo antigo para legitimar regimes totalitários ou mesmo de Said (2001) na construção de passados específicos para o Ocidente e o Oriente.

Se, como afirmam os autores mencionados, o presente influencia a leitura do passado e, constantemente, impomos formas na informação que estudamos, é preciso considerar que o trabalho intelectual possui implicações políticas e, portanto, torna-se importante considerar não só os meios de produção do conhecimento na atualidade como também uma reflexão sobre o significado da academia na produção de visões de mundo sobre o passado e o presente. Essa metodologia insere o estudioso no momento histórico no qual vive e permite a produção de um pensamento crítico ou, ainda seguindo as considerações de Hingley, evita o anacronismo, retira o fardo

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

da objetividade, permite construir novas interpretações. Em poucas palavras, inspira e sensibiliza o reconhecimento da diversidade de sujeitos que ficaram excluídos dos discursos acadêmicos e desafia a pensarmos que tipo de passado estamos construindo.

O que gostaria de ressaltar a partir dessas considerações é que muitos estudiosos tem repensado métodos e teorias para questionar modelos canônicos estabelecidos. No que tange o mundo romano, as maneiras de se aproximar do passado são variadas: há aqueles que estudam os textos, outros que estudam a cultura material e os que buscam meios alternativos ressaltando a importância de trabalhar os dois tipos de evidências. A quantidade de evidências para o estudo do principado romano é muito grande, no entanto, como afirma Hingley (2005: 6), os modelos interpretativos são restritos a poucas abordagens. É preciso rever, portanto, os métodos de abordagem da documentação, pensado cada uma em seu contexto e buscando enfatizar a riqueza e pluralidade de informações que cada uma pode conter.

Para essa ocasião optei selecionar trechos de dois textos distintos: *A vida dos Césares* de Suetônio e o *Satyricon* de Petrônio. Por se tratarem de narrativas distintas, a primeira um conjunto de biografias dos imperadores e a segunda uma sátira, a ideia central é pensar como cada uma em seu contexto, a partir de uma leitura que busque a diversidade, pode nos trazer aspectos pouco explorados pela historiografia acerca dos combates.

SUETÔNIO E PETRÔNIO: A BUSCA PELA DIVERSIDADE NOS ESPETÁCULOS ROMANOS

Para iniciar a reflexão sobre os escritos selecionados gostaria de ressaltar, em primeiro lugar, que buscar pela diversidade e ambiguidades nos anfiteatros não significa negar o papel das elites romanas na organização dos espetáculos públicos, no caso as lutas de gladiadores. Ao contrário, o que gostaria de explorar é que entendo tais espetáculos como espaços complexos de relações políticas, sociais e culturais e o fato do aparato para a concretização dos combates estar nas mãos de magistrados e outros membros da elite não implica, diretamente, em uma apatia coletiva de seus frequentadores ou justifica o aprisionamento do público e dos combatentes em categorias de análises estáticas que impeçam suas ações como sujeitos históricos. Em segundo lugar, é importante deixar claro que acredito que os combates de gladiadores não estavam restritos aos anfiteatros, pois constituíam parte do cotidiano romano, representado tanto na lite-

ratura como nos inúmeros objetos com figuras de combates para os mais diversos usos diários nas casas.

Um outro aspecto que deve ser ressaltado é a extensa rede de pessoas que trabalhava, em diferentes locais, para que os combates acontecessem. Entre elas encontram-se além dos *editores*, membros da elite que pagavam pelos espetáculos e os próprios gladiadores, os *lanistae*, atravessadores de diversas regiões que negociavam os gladiadores; os *doctores*, ex-gladiadores que trabalhavam nas escolas oficiais como instrutores e professores dos mais jovens; os guardas e porteiros dos anfiteatros para evitar tumultos; os agentes que atuavam na arena para acertar a areia após cada combate; os responsáveis pela programação colocada nos muros dos edifícios públicos; aqueles que cuidavam da saúde e alimentação dos gladiadores, entre inúmeros outros³.

Em terceiro lugar, caberia destacar um aspecto que para mim é muito relevante e pouco considerado entre os estudiosos: os *munera* constituem um fenômeno histórico, portanto, não possuíam sempre o mesmo significado ao longo dos séculos em que ocorreram. Muitos historiadores apontam o final da República como uma ruptura importante, deixando de ter um caráter religioso e passando a desempenhar um papel distinto dentro do Império que, então, nascia. A maior frequência com que passaram a ocorrer e o envolvimento de grandes quantidades de pessoas a partir de Júlio César são os principais argumentos daqueles que defendem esta perspectiva.

Para além desta ruptura, percepções distintas do fenômeno podem ser encontradas, em detalhes, nas fontes escritas. É por essa razão que optei, nessa ocasião, por exemplificar tal diversidade a partir de Suetônio e Petronio, autores que como já mencionei, possuem estilos narrativos e lugares de reflexão distintos. A opção por Suetônio se justifica, pois ao narrar as vidas dos imperadores expressa, de uma maneira particular, as diferentes atitudes dos Imperadores diante dos combates. Suetônio escreveu diversas obras em latim e em grego que podem ser divididas em textos de História (as biografias), de História Natural, sobre Antiguidades e de Gramática. De todas as suas obras, só *A vida dos Césares* nos chegou inteira e consiste em uma narrativa da vida de doze imperadores, de Júlio César a Domiciano, e deve ter sido escrita em meados do século II.

De maneira geral é possível afirmar que Suetônio apresenta a vida de cada Imperador, nessa obra, seguindo uma estrutura: sempre evidência as virtudes e os vícios de cada um e a ênfase em um

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

3 Para uma descrição mais detalhada das pessoas envolvidas nos combates e suas funções, cf.: LAFAYE, 1896; SCHNEIDER, 1918.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

ou em outro depende do que pretende ressaltar na vida dos diferentes Césares. A narrativa das virtudes ou vícios é permeada por descrições que apresentam suas características físicas, menciona a origem de cada família e os parentescos, as pessoas próximas que influenciaram direta ou indiretamente cada um, fornece detalhes de seus cotidianos e intimidades - narrando doenças, gostos e preferências - e salienta diversos aspectos da vida pública de cada César, isto é, os espetáculos⁴ que propiciaram, os títulos e homenagens que receberam, a distribuição de alimentos, dinheiro e recompensas, as conquistas e guerras que venceram.

Dentre os espetáculos proporcionados, no que concerne aos combates de gladiadores, é possível afirmar que a maneira como Suetônio os descreve varia de acordo com o contexto, isto é, conforme desenvolve a vida de cada Imperador. Presente na *uita* de quase todos os Césares – exclui-se aqui somente as *uitae* de Galba e Otão que são descritas de maneira breve e não mencionam nenhum tipo de espetáculo – os *munera* são apresentados de maneira diferenciada: nas *uitae* de Júlio César, Augusto e Tibério estão sempre relacionados aos grandes feitos, ou seja, são realizados em louvor a conquistas militares ou a diferentes deuses, em memória de cidadãos ilustres ou por ocasião de fundação de alguma cidade, embora ressaltemos que no capítulo XLVII da vida de Tibério há menção que este não fora tão generoso como os seus antecessores.

Já nas *uitae* de Calígula, Cláudio e Nero a maneira como Suetônio apresenta os combates se modifica. Poucos estão relacionados com suas virtudes, como ocorria com os anteriores, a grande maioria dos combates aparecem quando são descritos os vícios destes Imperadores. Nestas situações, Suetônio enfatiza a arena, o sangue, a violência, o grotesco e o insano dependendo da vida narrada. Aqui o termo *gladiator* e seus derivados surgem repetidamente e são especificados: *thraces* e *mirmillones* – categorias distintas de gladiadores – são humilhados ou consagrados na arena de acordo com a vontade do Imperador.

Aproximar os termos vinculados aos combates com vícios dos Imperadores pode ser considerado uma estratégia narrativa usada por Suetônio para enfatizar sua postura diante de cada um. Este tipo de relação não aparece somente nesta obra. Habinek (1998) chama atenção para um aspecto interessante nos discursos de Cícero. De acordo com este classicista, Cícero utilizava uma série de termos,

4 Entre os diversos espetáculos proporcionados incluem-se, por exemplo, apresentações teatrais, corridas de carros no circo, lutas de atletas, competições esportivas, combates de navios e os de gladiadores.

repetidos em diferentes momentos, nos quais incluía *seruus, latro e gladiator* para rebaixar inimigos políticos como Verres e Catilina. Se pensarmos que nas últimas *uitae*, as de Vespasiano e Domiciano, voltam as idéias de estabilidade, clemência e dos grandes espetáculos feitos de acordo com a vontade do público, como cita no capítulo VIII da vida de Vespasiano, embora critique os exageros cometidos por Domiciano, percebemos a presença de uma distinção clara entre os *princepes*: havia os que eram moderados, virtuosos e clementes e os que eram dominados por seus vícios.

Se por um lado as *uitae* contadas por Suetônio têm um aspecto político em que a narrativa dos combates ajuda a construir imagens diversas de cada Imperador⁵, por outro somos introduzidos a dados mais específicos e históricos como às alterações nas regras dos combates (havia momentos em que os combates eram *sine missione* e outros que não) ou a preocupação com a segurança daqueles que frequentavam os anfiteatros. Outro aspecto marcante é a diferença na frequência com que ocorriam os combates que não é homogênea e constante, como muitos poderiam supor.

Por fim, e não menos importante, destacamos a riqueza de detalhes com que registra o cotidiano dos combates. Nas páginas que constituem sua obra encontramos homens e mulheres de diferentes camadas sociais, crianças, pais de família e idosos disputando lugares para assistir às lutas, senadores, soldados, e imperadores participando dos eventos, gladiadores treinando, lutando e morrendo, especificando seus nomes, suas armas, mencionando, inclusive, a interferência de seus filhos⁶.

As diferentes acepções e as ações daqueles que compunham a *plebs* não estão presentes somente em Suetônio. O *Satyricon* de Petrônio⁷ também é uma fonte imprescindível para seguirmos nossas reflexões no que concerne a estes aspectos. Embora possua uma natureza narrativa muito diversa da composta por Suetônio, já que este se trata de uma sátira e a outra uma narrativa histórica, sua importância não deve ser menosprezada enquanto documento sobre os jogos. Nos fragmentos remanescentes da obra há muitas referências aos gladiadores e o cotidiano que os circundavam e tais citações, em especial os nomes de gladiadores e flautistas, levaram os especialis-

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

5 Sobre as diferentes imagens de Imperadores narradas em Suetônio, cf.: GARRAFFONI, 2001.

6 Nesta passagem Suetônio afirma que Tibério Cláudio Druso concedeu a liberdade a um essedário (gladiador que combate com carros) a pedido dos filhos (“... *cum essedario, pro quo quattuor filii deprecabantur, magno omnium fauore indulisset rudem* ...” - Cf. cap XXI da vida de Tibério Cláudio Druso).

7 Seguiremos o texto latino da coleção Loeb: PETRÔNIO, *Satyricon*, 1987.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

tas em Literatura Clássica a datá-la como sendo do século I d. C.⁸.

Ao longo das aventuras dos três protagonistas, Ascilto, Encólpio e Giton, somos introduzidos a um mundo diversificado e plural, com os mais variados tipos de personagens envolvidos em situações inusitadas. Petrônio cria, a todo o momento, situações cômicas para divertir o leitor; descreve paixões, brigas, roubos, traições, viagens, banquetes, bruxarias e histórias fantásticas, morte e vida. Neste universo, as referências aos gladiadores ocupam diversos lugares: ora são evocados como meio de punição aos criminosos (Petrônio, IX), ora para descrever as paixões proibidas das matronas (Petrônio, CXXI, entre outros), ora para um juramento sagrado em que a palavra não pode ser quebrada (Petrônio, CXVII), ora como símbolo de riqueza de Trimalcião, um liberto rico (Petrônio, XXVIII).

Detenhamos, pois, nossa atenção em um episódio. Ao narrar o banquete organizado por Trimalcião, Petrônio o faz de maneira perspicaz: como o livro é narrado em primeira pessoa, tudo o que vemos e ouvimos vem dos movimentos do personagem narrador, Encólpio, um jovem que recebeu educação formal, mas que vive de um lado para outro cometendo pequenos golpes e furtos. Neste sentido, as cenas são construídas de forma a permitir o diálogo de uma série de personagens, pois de acordo com as atenções de Encólpio ouvimos as vozes dos comensais ou do anfitrião. Em um momento que Trimalcião não está presente e que todos já estão bem relaxados devido à grande quantidade de bebida e comida que ingeriram, inicia-se uma discussão. Echion, após uma série de considerações acerca de um combate que seu senhor iria promover e que não chegou às vias de fato por ele ter sido enganado pelo administrador, comenta o organizado por Norbano:

Sed subolfacio, quod nobis epulum daturus est Mammaea, binos denarios mihi et meis. Quod si hoc fecerit, eripiat Norbano totum fauorem. Scias oportet plenis uelis hunc uinciturum. Et reuera, quid ille nobis boni fecit? Dedit gladiatores sestertiaros iam decrepitos, quos si sufflasses, cecidissent; iam meliores bestiarios uidi. Occidit de lucerna equites, putares eos gallos gallinaceos; alter burdubasta, alter loripes, tertiarus mortuus pro mortuo, qui habebat neruia praecisa. Unus alicuius flaturae fuit Thraex, qui et ipse ad dictata pugnauit. Ad summam, omnes postea secti sunt; adeo de magna tur-

8 Sobre a polêmica da datação do *Satyricon* cf: FAVERSANI 1999; GONÇALVES 1996.

ba ‘adhibete’ acceperant, plane fugae merae. ‘Munus tamen’ inquit ‘tibi dedit’: et ergo tibi plodo. Computa, et tibi plus do quam accepit. Manus manum lauat. – PETRÔNIO, XLV.

Mas suspeito que Mammea nos dará um banquete e dois denários a mim e aos meus. Se ele fizer isto, arrebataria todo o favor de Norbano. Convém que saibas que há de vencê-lo a toda vela. E, de fato, o que Norbano nos fez de bom? Deu gladiadores tão pobres e velhos que se os soprasses cairiam mortos; já vi bestiários melhores. À luz de tochas tombaram cavalheiros, estes julgarias galos e frangos, uns gordos, outros de pés tortos, o terceiro que morreu fora substituído por um semimorto que tinha os nervos cortados. O único que fez algo foi um trácio que, mesmo assim, lutou repetindo o treinamento. Em suma, depois todos foram açoitados, para receber ‘Adiante’ da grande multidão que assistia. Sem dúvida eram fujões. [Norbano] me disse: ‘Pelo menos dei um espetáculo a ti’ e, por isso, eu te aplaudo. Pense, eu dou mais do que recebo. Uma mão lava a outra.

A aguda crítica de Echion, personagem de origem humilde preocupado com uma boa educação formal para o filho, como lemos na continuação de sua fala, chamou-nos atenção por apresentar uma estrutura narrativa que expressa duas visões do mesmo combate. Se atentarmos para a composição empregada por Petrónio ao elaborar o discurso de Echion, notamos que o espetáculo fracassado promovido por Norbano não passou despercebido aos olhos deste comensal. Gladiadores fracos, pobres e velhos foram postos em combate na arena e ora eram açoitados para que lutassem e ora empurrados pelos gritos dos espectadores. As expressões usadas por Echion, galos e frangos (*gallos, gallinaceos*), pernas tortas ou negligentes (outras traduções possíveis para *loripes*), caracterizam um combate arranjado no qual o melhor mal conseguia repetir o que havia aprendido na escola. A fala se constitui a partir de exageros que se contrapõem e realçam a atitude risível de Norbano pois, apesar de tudo, este ainda acreditava ter dado um bom espetáculo.

Em outras palavras, Norbano, que detinha uma fortuna considerável, organizou um espetáculo medíocre e acreditou ter cumprido seu papel. Esta seria, em resumo, a crítica de Echion. Nesta breve passagem nos deparamos com alguns pontos interessantes para nossa reflexão. Em primeiro lugar a contraposição de dois espetáculos diferentes, o de Mammea mais digno de sua condição e o de Norbano, que não satisfaz Echion. Em segundo lugar a crítica propriamente

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papal dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

dita do personagem indicando o que não era um bom combate. Nas entrelinhas podemos intuir que esperava homens fortes, saudáveis que lutassem com bravura e não se escondessem ou agissem como meros covardes. E, em terceiro lugar, a fala de Norbano que diz ter cumprindo sua obrigação oferecendo um *munus*, desqualificado por Echion. Esta composição do texto de Petrônio aponta para as diversas possibilidades de percepção da organização de um combate e a reação daqueles que assistiam a um determinado espetáculo.

Mesmo que o texto de Petrônio seja satírico e repleto de exageros, destacamos o fato de, mais uma vez, um membro da elite romana escrever um texto em que os combates e suas percepções não são descritos de forma homogênea. Estes dois exemplos de técnicas narrativas diversas foram colocados lado a lado não para uma conclusão simplista de que tais documentos são reflexos da realidade romana, mas para realçar que Petrônio e Suetônio nos fornecem, em seus discursos particulares, indícios para repensarmos a concepção dos combates como fenômeno atemporal que atingia a todos de uma mesma maneira. Além disso, tais escritos ressaltam a complexidade deste fenômeno na sociedade e cultura romana e os diversos usos que poderiam ser feitos. Se deslocarmos nosso olhar e pensarmos os discursos produzidos e seus contextos é possível desconstruir a perspectiva tradicional da busca pelo como ‘realmente’ seriam os espetáculos e, ao mesmo tempo, perceber as intencionalidades dos autores, ou seja, entender como cada um a seu modo apresenta elementos narrativos que abordam tanto a constituição dos espetáculos públicos como suas possíveis críticas. Essa possibilidade de leitura abre caminhos alternativos para pensarmos os textos de maneira a trazer à tona os conflitos, contradições e ambiguidades inerentes ao mundo romano e pouco explorado pelos estudiosos. Tal perspectiva ajuda a olhar aos combates a partir de outros vieses, procurando ouvir as diversas vozes que frequentavam a arena que muitas vezes foram abafadas pela historiografia que comentamos anteriormente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essa reflexão a partir de uma discussão filosófica para indicar a importância da epistemologia para a produção de modelos interpretativos que não se prendam ao binarismo elite/povo, mas que apresentem os conflitos inerentes a sociedade e suas expressões narrativas. O intuito dessa abordagem, mesmo que breve, foi a de chamar a atenção para um aspecto que tem se tornado cada vez mais central nas considerações dos estudiosos acerca do mundo romano: a

busca por modelos interpretativos menos rígidos que abarquem a diversidade social, cultural e étnica que foi o Império. Nesse processo, o estudo dos combates dos gladiadores é um tema muito instigante, pois se analisado a partir de uma abordagem menos estática, nos indica uma miríade de aspectos a discutidos. Por envolverem muitas pessoas, de distintas procedências, e por terem se adaptado a locais e temporalidades distintas, os combates chegam até nós fragmentados e múltiplos, desafiando as sensibilidades modernas e as interpretações produzidas pela academia. Por quase dois séculos estudiosos olharam essas arenas, alguns perplexos com sua violência, outros fascinados por seu poder e controle. Ainda hoje, em pleno século XXI, os combates são considerados relevantes para muitos estudiosos por serem um espaço público de encontros e, segundo Clavel-Lequeve (1984), um momento de reflexão religiosa, de pensar sobre os limites da vida e da morte.

Os textos comentados, partes das obras de Suetônio e Petrônio, nesse sentido, muito nos inspiram a pensar sobre as identidades e conflitos sociais. Os gladiadores e o público nos episódios comentados aparecem em suas múltiplas dimensões, na sua diversidade de gênero, idade, situação social, nos seus distintos pontos de vista, louvores e críticas. As hierarquias sociais tampouco se mantêm rígidas, no comentário satírico, demonstrando a fluidez de percepções sobre os combates. Nesse sentido, considerando as críticas epistemológicas de nossa época atual, o mundo romano parece muito mais variado e contraditório, aberto a leituras e reflexões sobre a diversidade de experiências de vida no presente e no passado.

FONTES

PETRÔNIO. *Satyricon*, (trad. Michael Heseltine e W.H.D. Rouse), Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb, 1987.

SUETÔNIO. *The lives of the Caesars*, (trad. J.C. Rolfe), Londres: Harvard University Press, Coleção Loeb, 1989.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.S. 'Poder e política nos espetáculos oficiais de Roma Imperial'. *Clássica*, 9/10: 132-141, 2000.

BARTON, C. A. *The sorrows of the Ancient Roman; the gladiator and the monster*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

GARRAFFONI, Renata Senna. Lendo sobre arenas romanas e repensando o papel dos gladiadores. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 105-122, 2008.

- GARRAFFONI, Renata Senna. Lendo sobre arenas romanas e repensando o papel dos gladiadores. *Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 105-122, 2008.
- BERNAL, M. “A imagem da Grécia antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia européia”, in: *Repensando o mundo antigo – Martin Bernal, Luciano Canfora e Laurent Olivier* (Funari, P.P.A. – org). Textos Didáticos nº 49, IFCH/UNICAMP, 2003.
- BERNAL, M. *Black Athena: The afroasiatic roots of Classical Civilization*. New Brunswick: Rutgers, 1987.
- CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CLAVEL-LÈVÊQUE, M. *L'Empire en jeux – espace symbolique et pratique sociale dans le monde Romain*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1984.
- CORASSIN, M.L. ‘Edifícios de espetáculos em Roma’, *Clássica* 9/10: 119-131, 2000.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1990.
- FAVERSANI, F. *A pobreza no Satyricon de Petrónio*. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1999.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FRIEDLÄNDER, L. “Los espectáculos”, in: *La sociedad romana – Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos*. Madri: Fondo de la Cultura Económica, pp. 497-519 e 546-606, 1885/1947..
- FUTREL, A. *Blood in the arena: the spectacle of Roman Power*. Austin: University of Texas Press, 1997.
- GARRAFFONI, R. S. “O conflito no espaço público: a arena romana em discussão”, in: *Boletim do CPA*, ano VI, nº 11, jan./junho 2001, Publicação do IFCH/UNICAMP, pp. 65-75, 2001.
- GARRAFFONI, R.S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Editora Annablume/ FAPESP, 2005.
- GOLVIN, J-C. *L'Amphiteatre Romain – Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*. Paris: Publications du Centre Pierre, 1988.
- GONÇALVES, C.R. *A cultura dos libertos no Satyricon: uma leitura*, Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da UNESP/Assis, 1996.

GRIMAL, P. *A vida em Roma na Antigüidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.

GUNDERSON, E. 'The ideology of the arena'. *Classical Antiquity*, 15, 1: 113-151, 1996.

HABINEK, T.N. "Cícero and the Bandits", in: *Writing, Identity, and Empire in Ancient Rome*, Nova Jersey: Princeton University Press, pp. 69-87, 1998.

HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture - Unity, diversity and Empire*. Londres: Routledge, 2005.

HOPKINS, K. *Death and Renewal – sociological studies in Roman History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JENKINS, K. *A História Repensada*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

LAFAYE, G. "Gladiator", in: *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romains* (Daremberg-Saglio – orgs.). Paris: Librairie Hachette, tomo II, pp. 1563-1599, 1896.

MANCIOLI, D. *Giochi e Spettacoli*. Rome: Edizioni Quasar, 1987.

Mills, S. *Michel Foucault*, Londres: Routledge, 2003.

MOMMSEN, T. *El mundo de los Cesares*. Madri: Fondo de Cultura Económica, 1885/1983.

MUNSLOW, A. *Desconstruindo a História*. Petropolis: Vozes, 2009.

PLASS, P. *The game of death in Ancient Rome – Arena sport and political suicide*, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1995.

POTTER, D.S., et MATTINGLY, D.J. (eds). *Life, death and Entertainment in the Roman*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1999.

ROBERT, J-N.. *Os prazeres de Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAID, E. W. *Orientalismo – Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHNEIDER, K. "Gladiatores", in: *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft* (Supplementband III – Pauly-Wissowa – orgs). Stuttgart. pp. 760-784, 1918.

SILVA, G.J. *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940/44)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

VEYNE, P. "O Império Romano", in: DUBY, G. et ARIÈS, P. *História da vida privada*. Cia. das Letras, vol.1, pp.19-223, 1990.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

GARRAFFONI,
Renata Senna.
Lendo sobre
arenas romanas
e repensando
o papel dos
gladiadores.
Mimesis, Bauru, v.
29, n. 2, p. 105-
122, 2008.

WEEBER, K.-W. *Panem et circenses: Massenunterhaltung als Politik im antiken Rom*, Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1994.

WIEDEMANN, T. *Emperors and Gladiators*. London: Routledge, 1995.

WISTRAND, M. 'Violence and entertainment in Seneca the Younger'. *Eranos*, 88: 31-46, 1990.

WISTRAND, M. *Entertainment and violence in ancient Rome – the attitudes of Roman writers of the first century AD*. Sweden, 1992.

